

**EDUCAÇÃO E MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DO ENSINO DO SHOAH A  
PARTIR DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA VISUAL DA USC  
SHOAH FOUNDATION**

**Alyne Nathálier da Silva Palmeira**

Licenciatura Plena em História

Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte

Integrante do Laboratório de Estudos *História do Tempo Presente* (HTP)

E-mail: [alynenathalier@hotmail.com](mailto:alynenathalier@hotmail.com)

Orientador: Prof. Dr. Karl Schurster (HTP/UPE)

ST 5 - Ensino de História e História da Educação: debates e perspectivas

O pesquisador do tempo presente distancia-se, por vezes, das gavetas dos arquivos, lidando, constantemente, com a flexibilidade de suas fontes. Abrindo mão, desta maneira, de parte do seu rigor científico. Entretanto, ao problematizar a memória, imbuí de sentido as demandas sociais do presente, construindo um laboratório que rompe com o *fatalismo casual* (DOSSE, 2012). Erigir abordagens à luz da teoria do tempo presente é, antes de tudo, romper com a imagem da história como uma disciplina catalogadora do passado, onde o documento representa a verdade absoluta e a objetividade científica.

Nessa medida, a teoria do tempo presente se propõe a estabelecer novos caminhos para abordar as questões do nosso tempo, através de uma análise onde é possível abarcar, o que o historiador Josep Fontana chamou de uma *história de todos*. Dentro da dinâmica acadêmica atual, no qual o estudo da memória não está apenas em evidência, mas também foi referido como uma "preocupação", torna-se necessário avaliar as maneiras pelas quais este trabalho apresenta possibilidades práticas e generativas para entender como professores e estudantes podem continuar a envolver-se com memorializações da vida judaica antes, durante e depois da guerra. Como James E. Young afirma em *The Texture of Memory*, perguntar se nossos alunos se lembram do Holocausto ou mesmo de como eles se lembram disso, não é o suficiente; Devemos também perguntar para quais fins lembramos.



Ao contrário de outros genocídios deste século, a destruição dos judeus foi um produto da cultura ocidental e deixou uma indelével cicatriz na consciência coletiva dessa civilização. “*Como a queda de Roma ou a Revolução Francesa*”, escreve o historiador Henry Friedlander, “*o Holocausto é um daqueles eventos históricos que representa uma era*” (FRIEDLANDER, 1979, p. 522). O Shoah contém lições sobre o lado mais sombrio da natureza humana e sobre a imoralidade da indiferença; tem muito a apresentar sobre os efeitos da pressão dos colegas, da responsabilidade individual e do processo de tomada de decisão sob as condições mais extremas. São lições sobre escolhas morais e raciocínio moral, incentivando os alunos a refletirem sobre a responsabilidade de um indivíduo para com os outros e com a sociedade como um todo.

Certamente é um assunto inquietante, que questiona seriamente as suposições básicas sobre nossa sociedade e seus valores. Minimizar suas atrocidades pode servir à causa daqueles que procuram diminuir ou negar a desumanidade. O desafio é encontrar um equilíbrio para sensibilizar e não traumatizar os alunos sobre o comportamento humano e as forças que produzem o genocídio e o Holocausto, em particular. É nesta perspectiva que materiais didáticos que tratam do tema em questão precisam ser minimamente analisados e moldados à realidade dos alunos. Trabalhar debates tão sensíveis como esse traz a tona uma série de questões que influenciam diretamente na construção do presente. Abordá-lo de maneira torpe também traz conseqüências indesejadas para a sociedade.

Um estudo do Shoah é relevante nas principais questões da educação em estudos sociais hoje. É geralmente aceito que as escolas devem se esforçar para imbuir os estudantes com habilidades de pensamento. Barry Beyer, uma autoridade em educação de habilidades em estudos sociais, sustenta que tais habilidades são melhor ensinadas e reforçadas quando apresentadas no contexto do assunto e não como lições isoladas sobre o pensamento (BEYER, 1987). O Shoah confronta os estudantes com questões que exigem reflexão, análise, conceituação e até mesmo tomada de decisão. Seria impossível, por exemplo, considerar as conseqüências dos estereótipos, fanatismo, etnocentrismo e obediência cega à autoridade sem empregar as habilidades de pensamento de inferência, resolução de problemas, avaliação de evidências, distinguir



fato de opinião, detectar preconceitos, identificar premissas não declaradas, entre outros.

Para compreender essa mudança dramática, torna-se necessário observar de perto a memorização do Holocausto, construído e estabelecido como um trauma coletivo universalmente reconhecido. Como afirmou Elie Wiesel, em seu discurso de aceitação do Nobel da Paz<sup>1</sup>, quando vidas humanas estão em perigo e a dignidade humana está em perigo, as fronteiras nacionais e as sensibilidades tornam-se irrelevantes. As contas de sobreviventes foram documentadas em entrevistas e em relatórios, e mesmo que o Shoah tenha ganhado grande atenção durante as últimas três ou quatro décadas, ainda há muitos aspectos a serem iluminados e analisados.

Durante a Shoah, além da eliminação física, houve também a eliminação indiscriminada de todos os vestígios possíveis, documentos, fotografias, cartas, as câmaras de gás. Por conta disso, deste apagamento da memória, muitos sobreviventes do Holocausto passaram a investir no que se chamou de “dever da memória”. Os relatos existentes sobre esse genocídio são encontrados em diversas línguas e com diferentes objetivos. Entre eles há alguns muito expressivos e de maior repercussão, assim como outros de menor visibilidade. Os testemunhos, as autobiografias, poemas e outras formas de expressão, não apenas textuais, se multiplicaram em grande número após a década de 70 do século XX.

Os testemunhos sobre a Shoah são extremamente abundantes, devido ao chamado “dever da memória”, associado ao Holocausto. Para muitas testemunhas trata-se de um dever falar sobre esse passado para que ele não mais aconteça. No campo da História também tem-se desenvolvido o campo de estudos sobre o mesmo (Holocaust Studies), em que se discutem problemáticas relacionadas ao tema, entre elas os limites da representação do Holocausto. Também pessoas dedicadas a centros de documentação e museus têm-se ocupado com a memória da Shoah. Entre eles se destacam os trabalhos da fundação Shoah (USC Shoah Foundation Institute for Visual History and Education), fundação escolhida para a realização deste trabalho.

---

<sup>1</sup> O discurso do Prêmio Nobel da Paz foi publicado no Blog Elie Wiesel em Dezembro, 2013. Disponível em: <http://eliewieselcim-ort.blogspot.com.br/2013/12/discurso-premio-nobel-de-la-paz.html>



Inicialmente chamada de Fundação Survivors of Shoah Visual History, a mesma existe desde 1994 e até 1999 realizou e registrou quase 52.000 entrevistas com sobreviventes do Holocausto e outras testemunhas de 56 países. Além dos sobreviventes da perseguição nazista, a Fundação entrevistou liberadores e testemunhas de libertação, socorristas e prestadores de ajuda, prisioneiros políticos e participantes em julgamentos de crimes de guerra. As entrevistas foram realizadas no idioma do sobrevivente e mais de 32 idiomas estão representados na coleção do programa. O Arquivo completo de vídeo está disponível em 49 instituições em todo o mundo, enquanto coleções menores estão disponíveis em 199 sites em 33 países, como o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos e o Yad Vashem.

Nessa perspectiva, a análise dos materiais audiovisuais propostos se constitui como base de entendimento dos lugares de memória para sociedade do presente, tendo em vista que o ensino é realizado pela memória da vítima. Além disso, a metodologia utilizada para o ensino da temática precisa ser constantemente revisitada e discutida. Faz-se necessário romper com o velho método expositivo de imagens e filmes que, em larga medida, buscam rememorar a dor, colocando o sujeito como um ser passivo frente sua história. Mostra-se latente a necessidade de ensinar a resistência nos guetos, nos campos de concentração, trabalho e extermínio, contemplando assim os múltiplos aspectos e posições desse fenômeno.

É fato que a história pode ensinar lições úteis para as gerações futuras. Como assunto de estudo, o Shoah é universal e único, e essas implicações universais estão firmemente ancoradas em um mundo em que a ditadura, o terrorismo e a tecnologia nuclear tornam os holocaustos futuros uma possibilidade distinta. Como consequência final do fanatismo, da intolerância e do ódio, o Shoah levanta questões importantes e perturbadoras sobre as pessoas, as nações, o uso da ciência e da tecnologia e a condição humana. Sua história não é mais peculiar aos judeus do que o estudo da escravidão aos negros. É bem mais do que apenas a experiência dos judeus europeus; é um evento seminal, que alterou o fluxo da história.

### **A pedagogia de ensino do Shoah nos arquivos audiovisuais da USC Shoah Foundation**

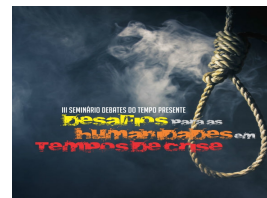


O conjunto dos materiais analisados por este trabalho são memórias de sobreviventes do Shoah, de forma audiovisual, narradas pelos sobreviventes e produzidas pela Fundação Shoah do Estado do Sul da Califórnia, onde retratam um pouco da trajetória vivida no período da Segunda Guerra Mundial. Todos os documentos analisados retratam as experiências de crianças e adolescentes que viveram no período. O objetivo foi encontrar, a partir das diferentes memórias analisadas, os pontos centrais, isto é, os temas que ganham maior relevância nestas memórias, possibilitando compreender o *modus operandis* do processo de ensino do Shoah pelo USC Shoah Foundation, respondendo às problemáticas geradas pelo objeto. O *corpus* documental, composto pelos materiais do instituto ao público infantil, constitui-se das seguintes fontes: 1) Lala / Reflections on Prejudice; 2) Auschwitz - Inner Strength, Outward Resistance; 3) Art in the Face of Death; 4) Growing up 'Behind the Barbed Wire' of Auschwitz; 5) Llegada a Auschwitz<sup>2</sup>.

A unidade de registro na qual as fontes estão enquadradas se estabelece enquanto memórias, produzidos pela *USC Shoah Foundation*. Todo material produzido pela fundação destinado ao público infantil ou intermediário acompanha, na forma digital e/ou impressa, o guia do professor, material que serve de base para conduzir o docente no processo de ensino. O testemunho do vídeo da história oral é um poderoso recurso de ensino em uma cultura cada vez mais audiovisual. É uma maneira convincente de intensificar o imediatismo da história à medida que se torna vivo no contexto da vida de uma pessoa. A diferença é a história aprofundada, a emoção que é visível na voz, expressão e até mesmo nos silêncios do sobrevivente; Essas histórias não apresentam um estereótipo de uma vítima, mas sim um sobrevivente. Nas análises é possível elucidar interrogações, valores, traumas, silenciamentos, identidades, reestruturações.

A filosofia pedagógica da *USC Shoah Foundation* está baseada na forma de concepção pré-escolar, primário, intermediário e secundário, onde a faixa etária é o que designa o material didático com qual irá trabalhar o professor. A estrutura dos vídeos é construída partindo da necessidade de fazer com que todos tomem conhecimento da

<sup>2</sup> Atividades disponíveis através do site <http://iwitness.usc.edu/SFI/Activity/>

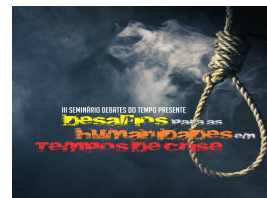


história do Shoah e dos traumas gerados por esta história, incluindo aí várias perspectivas acerca de diferentes temas, como a influência da propaganda nazi, a resistência judaica, entre outros.

Apropriando-se da análise de conteúdo desse material, foi estabelecido o que esses materiais elucidam sobre o ensino de história do Shoah e sobre a própria filosofia de ensino da fundação. O procedimento foi decomposto em duas etapas básicas: 1) Unidade de registro – que trata da organização das fontes explicitando o tipo de fonte de informação; os temas tratados (isto é, o peso atribuído a um determinado assunto pelo autor, podendo ser evidenciado nos diferentes materiais) e a natureza do material; 2) Categorias de análise – nesta etapa buscamos, a partir dos resultados da unidade de registro, estabelecer quais os conceitos e categorias fundamentais que se embasam o problema.

No processo de análise dos materiais observou-se como pontos centrais: o significado da resistência judaica, com foco na resistência cultural e espiritual e suas implicações para a identidade pessoal e a sobrevivência durante o Holocausto; a necessidade/desejo de transmitir a sua história à geração vindoura, de tornar os outros conhecedores; uma reflexão sobre as muitas identidades que carregamos como indivíduos e sobre as decisões que tomamos para escondê-las. Estes, em alguma medida, representam a forma como o Estado do Sul da Califórnia estabelece pedagogicamente o ensino do Shoah.

Torna-se possível também promover, juntamente com o material, a inclusão e aceitação, desenvolvendo a empatia dos alunos, permitindo que eles compreendam melhor as pessoas de culturas variadas ou aqueles que foram rotulados como "diferentes". Vê-se necessário dirigir um evento histórico sombrio e complexo com estudantes mais jovens sem traumatizá-los. Partindo desta perspectiva, o Ensino de História do Shoah, estabelece-se como uma ferramenta possível no combate ao fascismo, na negação de teorias revisionistas que negam a existência do Shoah e, ainda, no entendimento de uma nova cosmo visão acerca dos valores morais, éticos e jurídicos da sociedade no pós-guerra. O ensino do Shoah nas escolas precisa se estabelecer enquanto espaço de multiculturalidade e de encontro de saberes.



### Considerações finais

Ao colocar um rosto nos fatos, datas e números, é possível compreender de fato que a história é feita e experimentada por indivíduos. Ao entender que a história tem um impacto direto sobre a vida dos indivíduos e suas comunidades, que eles pessoalmente desempenham um papel na história, tem-se uma base de entendimento dos lugares de memória para sociedade do presente, tendo em vista que o ensino do Shoah é realizado pela memória da vítima. A maioria dos sobreviventes que deram seus testemunhos foram crianças ou adolescentes durante o Holocausto. Isso permite aos alunos se identificarem com histórias de uma perspectiva juvenil e se envolverem com a história em um nível mais pessoal, através do meio mais adaptado à sua realidade virtual: o vídeo.

É possível compreender como os judeus viveram antes, durante e após o Shoah, conhecendo a realidade e diversidade de experiências individuais durante o período. O estudo de como a história pode afetar os indivíduos, por exemplo, reconhecendo o impacto psicológico, físico, econômico e religioso causado pela perseguição, trauma e deslocamento do Shoah. Os diferentes comportamentos de indivíduos que enfrentam situações extremas: resiliência, solidariedade, colaboração com o opressor, resistência ou inação, todos motivados pelo medo, esperança, compaixão, entre outros.

Torna-se possível também promover, juntamente com o material, a inclusão e aceitação, desenvolvendo a empatia dos alunos, permitindo que eles compreendam melhor as pessoas de culturas variadas ou aqueles que foram rotulados como "diferentes". Vê-se necessário dirigir um evento histórico sombrio e complexo com estudantes mais jovens sem traumatizá-los. Partindo desta perspectiva, o Ensino de História do Shoah, estabelece-se como uma ferramenta possível no combate ao fascismo, na negação de teorias revisionistas que negam a existência do Shoah e, ainda, no entendimento de uma nova cosmo visão acerca dos valores morais, éticos e jurídicos da sociedade no pós-guerra. O ensino do Shoah nas escolas precisa se estabelecer enquanto espaço de multiculturalidade e de encontro de saberes. É, neste sentido, que enxerga-se a importância das legislações que visam o ensino de história do holocausto, em uma educação inclusiva, que eduque para a igualdade.





Diante disso, o modelo tradicional de ensino das escolas brasileiras não tem dado conta dessa amplitude de abordagens e discussões a serem trabalhadas pelo Shoah, não sendo capaz de desenvolver no aluno uma visão crítica sobre o mundo, um estranhamento em face à desumanização dos atos. Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, neste sentido, a metodologia utilizada para o ensino da temática precisa ser constantemente revisitada e discutida. A análise desses materiais didáticos se constitui como base de entendimento dos lugares de memória para sociedade do presente, tendo em vista que o ensino é realizado pela memória da vítima. É papel do professor formar a consciência democrática e a construção da cidadania dentro da escola, buscando, dessa forma, desconstruir tantas formas de discriminação que, por vezes, revelam-se enraizadas na sociedade brasileira.

### Referências

- ADORNO, Theodor. W. Educação e Emancipação. IN: **Educação após Auschwitz**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terro, 1995.
- BEYER, Barry K. Practical Strategies for the Teaching of Thinking, Boston, 1987.
- DOSSE, François. **A História**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 2012.
- FONTANA, Josep. **A História dos Homens**. Trad. Heloisa JochimsReichel e Marcelo Fernando da costa. São Paulo: EDUSC, 2004.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1997.
- FRIEDLANDER, Henry. Toward a Methodology of Teaching About the Holocaust; In *Teachers College Record*, 80, Fevereiro de 1979
- GITZ, Ilton; PEREIRA, Nilton Mullet. **Ensinando sobre o Holocausto na Escola**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- PAXTON, Robert. O. **A Anatomia do Fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres & Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- SEMELIN, Jaques. **Purificar e destruir: Usos políticos dos massacres e dos genocídios**. São Paulo: DIFEL, 2009.